



### Ramiro Délio Borges Meneses

Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte – Gandra;  
Instituto de Bioética da U.C.P. – Centro Regional do Porto – Portugal  
Centro de Estudos Filosóficos da Faculdade de Filosofia - Centro  
Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa (U.C.P.)  
E-mail: [borges272@gmail.com](mailto:borges272@gmail.com)

## A desconstrução e a química orgânica / *Deconstruction and organic chemistry*

### Abstract

Deconstruction is present in the field of Chemistry from Analytic to Synthetic. Naturally arises as a method and as a foundation. Deconstruction affects the Chemistry, particularly Organic, as an experimental science. Traditionally, the principles of chemistry starting with the study of elementary particles, atoms, molecules, substances and other aggregates of matter. This is anything that occupies space and possesses rest mass (or invariant mass). It is a general term for the substance of which all physical objects consist. Typically, the material includes atoms and other particles having a mass. The mass is said by some to be the amount of matter in an object and volume is the amount of space occupied by an object, but this definition confuses mass with matter, which are not the same thing. Different fields use the term in different ways and sometimes incompatible, there is a unique meaning that scientific consensus is for the word "matter", although the term "mass" be well defined. The article can be found mainly in solid, liquid and gas, in isolation or in combination. Chemical reactions and other transformations such as phase changes involving the rearrangement of chemical bonds and other interactions between the molecules. These changes invariably involve several important concepts such as energy, chemical equilibrium among others. The deconstruction affects all Chemistry from method to foundations.

**Key words:** Jacques Derrida, deconstruction, Chemistry, Organic Chemistry, method and foundation.

### INTRODUÇÃO

Segundo Derrida, a desconstrução exige uma dissociação difícil, quase impossível, mas indispensável entre a incondicionalidade (justiça sem poder) e a soberania (o direito, o poder e a força). Porém, a desconstrução está do lado da incondicionalidade, mesmo onde ela parece impossível, e não da soberania, mesmo onde ela parece ser possível<sup>1</sup>. A desconstrução tem-se do lado do

<sup>1</sup> Cf. Jacques DERRIDA / Elisabeth ROUDINESCO - *De quoi demain, ... Dialogue*, Paris: Librairie Arthème Fayard et Éditions Galilée, 2001, 153.

“sim”, da afirmação da vida, de tal forma que não deverá ceder ao poder ocupante, não cedendo, assim, a qualquer hegemonia. Desta feita, a desconstrução não constitui somente um “acto de resistência”, mas surge de um ato de fé. Ela não é, nem poderá ser unicamente uma análise dos discursos, de enunciados filosóficos ou de conceitos e de uma semântica. A desconstrução deverá ser considerada pelas instituições, pelas estruturas sociais e políticas e pelas mais duras tradições<sup>2</sup>. Um dos saberes, onde a “desconstrução” está presente, refere-se ao mundo da Química, da Inorgânica à Orgânica, passando pela Química Física. Toda ela é um projeto desconstrutivo, dado que busca permanentemente a “invenção” da doença e do doente. A desconstrução, como afirmação e reafirmação do sim do Outro, vive numa “experiência absoluta” do Outro, tal como se passa na relação médico-doente. A Medicina sofre, na sua evolução, do progresso e do insucesso. Constrói-se e desconstrói-se constantemente. Um processo desconstrutivo implica quatro pontos essenciais: 1 - Identificação da construção conceptual de um campo teórico determinado (religião, metafísica, teoria ética, medicina, etc.), que utiliza habitualmente uma ou mais pares irredutíveis; 2 - Coloca a ordem hierárquica dos pares; 3 - Apresenta-se por ordem inversa dos pares, mostrando que os termos de baixo (o material, o particular, o temporal, o feminino, o doente, etc.) poderão ser, com razão, dispostos em cima, no lugar do espiritual, do universal, do eterno, do masculino, da saúde); 4 - Finalmente, a inversão declara que o ordenamento hierárquico reflete certas escolhas ideológicas, mas que não correspondem a caracteres intrínsecos nos pares. Com efeito, se as duas primeiras ações consistem em descrever uma construção conceptual dada; as duas seguintes visam “déformer” (deformar, alterar), reformar e, conclusivamente, transformar<sup>3</sup>

A Química é a ciência que estuda a composição, estrutura, propriedades da matéria, as mudanças sofridas por ela durante as reações químicas e sua relação com a energia.<sup>2 3</sup> O desenvolvimento desta ciência teve como base as observações de experimentos, sendo portanto, considerada uma ciência experimental. As disciplinas de química são agrupadas basicamente em cinco grandes divisões a saber: a Química Inorgânica (que estuda a matéria inorgânica), a Química Orgânica (que estuda os compostos de carbono), a Bioquímica (que estuda a composição e reações químicas de substâncias presentes em organismos biológicos), a Físico-Química (que compreende os aspectos energéticos dos sistemas químicos em escalas macroscópicas, molecular e atômica) e a Química Analítica (que analisa materiais e ajuda a compreender a sua composição, estrutura e quantidade). A Química é chamada muitas vezes de ciência central porque é a ponte entre outras ciências como a Física e outras ciências naturais, como Geologia e Biologia.<sup>4 nota 2</sup> É considerada, juntamente com a Física e a Matemática, uma ciência exata. A química possui papel fundamental no desenvolvimento tecnológico, pois a utilização dos conceitos e técnicas desta ciência permite a obtenção de novas substâncias, além de preocupar-se com a prevenção de danos e exploração sustentável do meio ambiente. Dado que a Química estuda as leis dos fenômenos de composição e de decomposição na natureza, através da interação de moléculas e de átomos entre si,

2 Cf. Fred POCHÉ - *Penser avec Jacques Derrida. Comprendre la déconstruction*, Lyon: Chronique Sociale, 2007, 55.

3 Cf. *Ibidem*, 54.

sera uma ciência experimental tipicamente desconstrutiva. Esta surge simultaneamente como analítica e sintética.

## 1. A DESCONSTRUÇÃO: SENTIDO ANALÍTICO E SINTÉTICO

A impossibilidade é o idioma da desconstrução. A desconstrução é a anacronia na sincronia e será um modo de correspondermos a qualquer coisa “out of joint”.<sup>4</sup> Com efeito, segundo a carta a um “amigo japonês”, a desconstrução não se reduzirá a qualquer instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de procedimentos transponíveis. Surge, pois, como meta-método, segundo a nossa crítica. Esta não é mesmo um ato ou uma operação. Ela tem em si alguma coisa de “passivo”.<sup>5</sup> Na verdade, a desconstrução não é, simplesmente, a decomposição de uma estrutura arquitetural. Será antes uma questão sobre o fundamento, sobre a relação fundamento/fundado, referindo-se à vedação da estrutura, sobre toda uma arquitetura da filosofia, não sobre uma tal ou qual construção, mas sobre o motivo arquitetónico do sistema.<sup>6</sup> A desconstrução será formada como modalidade da autocrítica interna da filosofia.<sup>7</sup> Com efeito, a desconstrução conduz a um projeto generalizador da filosofia pela descoberta dos seus próprios limites. Em nome do Outro, a desconstrução afronta os edifícios do mesmo. Todavia, a desconstrução está em crise permanente, dado que é o próprio segredo da sua frágil identidade, da sua vida constantemente ameaçada, estando condenada a operar nos limites do abismo que separa o ser do não ser, entre o tudo e o nada. Toda a desconstrução é, também, uma lógica do espectral, do assombro, da sobrevivência, não sendo neutra.

Na verdade, esta procurará subverter a tradição metafísica ocidental, considerada logocêntrica e dominadora. De acordo com Derrida, a especificidade de uma desconstrução existe, não sendo necessariamente redutível à tradição luterano-heideggeriana. A operação desconstrutiva não é somente analítica ou somente crítica – quer dizer capaz de decidir entre dois termos simples, mas trans-analítica, ultra-analítica ou mais do que crítica.<sup>8</sup> A desconstrução é a marca da “différance”, como um movimento, no qual a distinção do espaço e do tempo ainda não chegou.<sup>9</sup> Com efeito, a “différance” é não somente irreduzível a toda a reapropriação ontológica ou teológica, mas abrindo o espaço no qual o onto-teológica produz o seu sistema e a sua história. A ordem da “différance”, a ordem da resistência a oposições, não será somente aquilo que resiste, mas aquilo que abre o jogo das forças opostas ou a própria resistência encontra o seu lugar. Juntamente com Roudinesco, poderemos asseverar que a desconstrução é, de certo modo, resistir à tirania do Um, do *logos*, da metafísica ocidental, na própria língua em que é enunciada com

4 Jacques DERRIDA/ Maurizio FERRARIS – *O Gosto do Segredo*. Tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa: Fim de Século, 1997, 138.

5 Cf. Jacques DERRIDA – *Psyché: Invention de l'autre - II*, Paris: Éditions Galilée, 12

6 Cf. Jacques DERRIDA – *Points de suspension, Entretiens*, Paris: Éditions Galilée, 1992, 224-225.

7 Cf. Jacques DERRIDA – *Du droit à la philosophie*, Paris: Éditions Galilée, 1990, 118.

8 Cf. Jacques DERRIDA/ Antoine SPIRE – *Au delà des apparences*, Paris: Le Bord de L'Eau, 2002, 20, 22.

9 Cf. *Ibidem*, 43.

a ajuda do próprio material deslocado, movida por fins de reconstruções cambiantes.<sup>10</sup> Com efeito, a desconstrução é entendida como uma expressão teórica, que pretende minar as correntes hierárquicas, sustentadoras do pensamento ocidental, tais como: dentro/fora, corpo/alma, fala/escrita, presença/ausência, etc.

A desconstrução é o caminho do “por vir” da Palavra. Desta feita, a desconstrução é uma “paixão inventiva”, tanto do criador literário quanto do filósofo. Pela desconstrução, o *venire* do *por-venire* revela-se ao *venire* do *in-venire*. Na verdade, a desconstrução apresenta-se, quer como uma resistência, quer como uma resposta. É a resposta a um “dever teórico”. Esta, como “invenção”, só pode ser pensada juntamente com o dom. Com efeito, a desconstrução é um pensamento catártico de contaminação. A desconstrução surge como aquilo que recusa toda a exterioridade à linguagem e ela reconduzirá tudo à interioridade da linguagem.<sup>11</sup> A desconstrução não se limita nem a uma reforma metodológica tranquilizadora, para uma dada organização, nem inversamente a uma exibição da destruição irresponsável.<sup>12</sup> A desconstrução não será jamais um conjunto de procedimentos discursivos e ainda menos um novo método hermenêutico, trabalhando sobre os arquivos ou exposições de refúgio de uma dada instituição<sup>13</sup>

A desconstrução derridiana revela-se como uma desconstrução dos fundamentos arqueo- onto- lógicos da ocidentalidade filosófico-cultural.<sup>14</sup> Não sou eu que desconstruo, é a experiência de um mundo, de uma cultura, de uma tradição filosófica, à qual “acontece” qualquer coisa a que se chama “desconstrução”. Aquilo que acontece, acontece desconstruindo-se.<sup>15</sup> Na perspectiva de Derrida, a desconstrução nem se poderá limitar ou passar imediatamente a uma neutralização, ela deverá ser, por um duplo gesto, uma dupla ciência, uma dupla escrita e praticar uma ruína da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema. Talvez a desconstrução deva ser entendida como a tentativa de prestar contas de uma variedade heterogênea de contradições não-lógicas e de desigualdades discursivas, de todos os lados e de todas as sortes, que continua a assombrar o debate filosófico. A desconstrução é pensamento do “talvez”, um pensamento contaminado. É um pensamento do impossível, da incondicionalidade e da interrupção, da interrupção ininterrupta. Derrida lembra-nos que a desconstrução introduz um *e* de associação e de dissociação no próprio coração de cada coisa

A desconstrução será um “pensamento por vir”. Assim, a desconstrução manifesta-se como uma “meditação re-inventiva e re-criativa”. A desconstrução pode afirmar-se como pensamento da afirmação<sup>16</sup> A tarefa de uma memória histórica e interpretativa está no coração da desconstrução.<sup>17</sup> A desconstrução obedece ine-

10 Cf. Jaques DERRIDA / Elisabeth ROUDINESCO - *De quoi demain ... Dialogue*, 9.

11 Cf. Jacques DERRIDA/ *Moscou Aller/Retour*, Paris: Éditions de l' Aube, 1995, 108.

12 Cf. Jacques DERRIDA - *Points de suspension*, 224-225.

13 Cf. *Ibidem*, 424.

14 Cf. *Fernanda BERNARDO* - “A crença de Derrida na justiça: Para além do direito, a justiça”, *Agora, Papeles de Filosofia*, 28/2 (2009) 70.

15 Cf. Jacques DERRIDA/Maurizio FERRARIS - *O Gosto do Segredo*, 135.

16 Cf. Jacques DERRIDA - *Points de suspension, Entretiens*, Paris: Éditions Galilée, 1992, 198.

17 Cf. Jacques DERRIDA - *Força de Lei*, 33.

gavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação hiperanalítica”.<sup>18</sup> A desconstrução é o pensamento do pensamento. É a meditação ou a imaginação inventiva. Acontece que, como pensamento da hiper-responsabilidade, a desconstrução é, por isso, desde sempre, um hiper-questionamento da origem, dos fundamentos e dos limites do aparelho conceptual e normativo da nossa cultura, como algo de incondicional.<sup>19</sup>

## 2. A QUÍMICA ORGÂNICA COMO “DESCONSTRUTIVISMO”

Segundo *De la Grammatologie*, a linguagem é uma estrutura – um sistema de oposições de lugares e de valores – e uma “estrutura orientada”. Digamos antes, brincando um pouco, segundo Derrida, que a sua “orientação” é uma “desorientação”. Poder-se-ia dizer uma “polarização”<sup>20</sup>. Da mesma forma, a linguagem matemática será uma estrutura de oposições entre constantes e variáveis. Surge como uma estrutura orientada ( da quantidade numérica passando pela linguagem figurativa. Trata-se, pois, de uma linguagem polarizada. Toda a Química sofre de uma polarização entre funtores e números. É uma linguagem exacta e determinística. A Química vive de uma escrita (história clínica) e duas linguagens. Apresenta um texto que é “escrito”, que é um “passado”, numa falsa aparência de presente, que é presente, segundo Derrida, ao leitor como seu “avenir” (futuro)<sup>21</sup>. Em primeiro lugar, há uma “linguagem operativa”, que se caracteriza pela recolha de operações formais: soma, potenciação, radiciação e logaritmação, etc. Assim, não basta dizer que, em Química, a desconstrução é uma maneira de bem estruturar a natureza.

A desconstrução, como desedimentação de estruturas ( teórica e prática ), está presente em todos ramos da Química. A química orgânica é uma especialidade dentro da química que envolve o estudo científico da estrutura, propriedades, composição, reações e preparação (por síntese ou por outros meios) de compostos contendo carbono e seus derivados. Estes compostos podem conter átomos outros elementos, incluindo o hidrogênio, nitrogênio, oxigênio, além de halogênios, fósforo, silício e enxofre. Compostos orgânicos formam a base de toda a vida terrena e são estruturalmente bastante diversificados. A gama de aplicação de compostos orgânicos é enorme, sendo os principais componentes de muitos produtos, como plásticos, medicamentos, produtos petroquímicos, alimentos, materiais explosivos e tintas. Reações orgânicas são reações químicas envolvendo compostos orgânicos. A teoria geral dessas reações envolve conceitos de afinidade eletrônica do átomo-chave, impedimento estérico, ácido-base e intermediários reativos. Os tipos de reação básicos são: reações de adição, reações de eliminação, reações de

18 Cf. Jacques DERRIDA - *Résistances de la psychanalyse*, Paris: Éditions Galilée, 1996.41-42.

19 Cf. *Ibidem*, 57.

20 Cf. Jacques DERRIDA – *Gramatologia*. Tradução do francês por Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro, S.Paulo: Perspectiva, 2004,264. Cf. “ Le langage est une *structure* – une système d’oppositions de lieux et de valeurs – et une *structure orientée*. Disons plutôt, en jouant à peine, que son *orientation* est une *désorientation*. On pourra dire une *polarization*.” (Jacques DERRIDA - *De la Grammatologie*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1967,309).

21 Cf. “...le texte est un écrit-un passé - que, dans une fausse apparence de présent, un auteur caché et tout-puissant, en pleine maîtrise de son produit, présente au lecteur comme son avenir”. (Jacques DERRIDA - *La dissémination*, 13).

substituição, reações pericíclicas, reações de rearranjo e reações redox. Cada reação possui um mecanismo de reação passo a passo que explica como acontece a sequência reacional, embora a descrição detalhada de alguns passos nem sempre é clara a partir de uma lista de reagentes isolados. A Química Orgânica aplicada é chamada de química orgânica sintética. A síntese de um novo composto é normalmente uma tarefa de resolução de problemas. Os compostos são sintetizados seguindo uma rota sintética, onde a molécula ganha forma depois de várias etapas de conexão de moléculas menores. A prática de criar novas vias sintéticas para moléculas complexas é chamada de síntese total. Devido a complexidade e a utilização de reagente muitas vezes caros, é necessário um adequado planejamento de cada etapa reacional, sempre visando o máximo rendimento possível. Como exemplo de desconstrução em Química Orgânica teremos os grupos funcionais. O conceito de grupos funcionais é central na química orgânica, tanto como um meio para classificar estruturas e como para a previsão de suas propriedades físico-químicas. Um grupo funcional é um módulo molecular, e a reatividade de um determinado grupo funcional, dentro de certos limites, é semelhante em diferentes moléculas. As moléculas são classificadas com base em seus grupos funcionais. Álcoois, por exemplo, possuem sempre a subunidade C-OH. Os hidrocarbonetos alifáticos são subdivididos em três grupos de séries homólogas de acordo com seu estado de saturação: parafinas ou alcanos, não possuem quaisquer ligações duplas ou triplas; olefinas ou alcenos, contêm uma ou mais ligações duplas e os alcinos têm uma ou mais ligações triplas. As outras moléculas são classificadas de acordo com os grupos funcionais presentes: álcool, ácido carboxílico, éter, éster, amina, amida entre outros. Compostos saturados e insaturados existem também como estruturas cíclicas. Os anéis mais estáveis contêm cinco ou seis átomos de carbono. Outra importante classe de compostos orgânicos são os aromáticos: o benzeno é a substância mais conhecida, simples e estável. Estes hidrocarbonetos aromáticos contêm diversas ligações duplas conjugadas e que obedecem ao modelo postulado por Kekulé. Outra importante propriedade do carbono é que formam cadeias, ou redes, que são ligados por ligações carbono-carbono. Este processo de ligação é chamado de polimerização, ao passo que as cadeias ou redes, são chamadas polímeros. O composto de origem é chamado um monômero. Dois grupos principais de polímeros existem: polímeros sintéticos e biopolímeros. Os polímeros sintéticos são artificialmente produzidos e são comumente referidos como polímeros industriais.

Todavia, a expressão suprema da desconstrução em Química reside na Química Analítica. A Química analítica é um ramo da química que visa estudar a composição química de um material ou de uma amostra, usando métodos laboratoriais. É dividida em química analítica quantitativa e química analítica qualitativa. A busca por métodos de análise mais rápidos, seletivos e sensíveis também é um dos objetivos essenciais da química analítica. Na prática, é difícil encontrar um método de análise que combinem essas três características e, em geral, qualquer uma delas pode ser suprimida em benefício de outra.

A desconstrução é a tentativa não de negar as oposições (tais negações), mas de neutralizar depois de as ter derrubado. O exemplo mais conhecido é aquele que

se refere à inversão, para Derrida, sobre a hierarquia tradicional entre a palavra e a escrita, sendo esta pensada como instrumento técnico inessencial, derivado da palavra falada e do presente. Esta subordinação metafísica da escrita à palavra, e o sistema de oposições que ela governa, é chamado por Derrida “fonocentrismo” ou “phonologocentrismo”. O “fonocentrismo” e sua estrutura de pressupostos estruturam constantemente a metafísica<sup>22</sup>.

O labor desconstrutivo realiza-se por uma espécie de “assédio” (hantise), que acontece dentro do pensamento filosófico e da escrita literária e que se aproveita das suas debilidades e contradições das suas aberturas, das suas aporias, das suas fissuras, para determinar uma possibilidade ao “por-vir”. Sempre que um sistema de pensamento (filosófico, literário, político ou jurídico) for tido por homogêneo, hegemónico e inatacável, erguendo-se como dominante, será então aí que a desconstrução actua. Esta não será com a ajuda de alguma técnica exterior ao texto, mas antes pela agitação das suas próprias forças interiores.

A desconstrução como “pensamento em acção”, vive simultaneamente sob as três formas de pensamento, a saber: teórico, prático e poético. Como pensamento contaminado, procede *per se* à descontaminação de todo o saber e do pensar. Na verdade, pela contaminação, a “desconstrução” surge como um pensamento cártico. É a purificação do pensamento. Revelar-se-á como pensamento do pensamento. A desconstrução reside no pensamento do pensamento.

Com efeito, a desconstrução não chega *ad extra* num determinado momento, recomendada por uma autoridade ou avisada por um determinado método. Ela é o método do método. A desconstrução é aquilo que está sempre a acontecer a todas as coisas (ça se déconstruit), a todo o momento. Assim, é o caminho para além do caminho. É *meta-meta-odos* A desconstrução será, em Química Orgânica, um “meta-método”.

## CONCLUSÃO

A Qu]imica tematiza - se naturalmente pela desconstrução do conceito de estrutura”. O número é o centro desta desconstrução abstrata. O próprio número é uma desconstrução formal e abstrata da quantidade concreta. Um e outro (filósofo e matemático) devem aprender a “caminhar” (meta-método) pela desconstrução abstrata, debaixo daquilo que está, ou se julga estar, *in solidum*, adequadamente estabelecido. Desta feita, a desconstrução não recompõe os sistemas dedutivos, não os reabilita, mas também não os destrói, não promete soluções para os problemas, que constantemente levanta. Deixa-os em aberto. Com efeito, a desconstrução desfaz as sedimentações teóricas, práticas e poéticas e, também, das instituições, segundo o pensamento de Derrida, tal como se avalia em toda a Química. A des-

22 “ La deconstruction est la tentative non de nier ces oppositions (ces negations) mais de les neutralizer après les avoir renversées. L'exemple le plus connu est celui de l'inversion, par Derrida, de la hiérarchie traditionnelle entre la parole et l'écriture, hiérarchie selon laquelle l'écriture est pensée comme un instrument et une technique inessentielle, dérivée de la parole vive et présente. Cette subordination métaphysique de l'écriture à la parole, et le système d'oppositions qu'elle régit, est appelée par Derrida “phonocentrisme” ou “phonologocentrisme”. Le “phonocentrisme” et ses presupposes structurent constamment la métaphysique. ” (Marc GOLDSCHMIT - Jacques Derrida, *une introduction*,21).

construção é pensamento em movimento. Um pensamento do “talvez”, um pensamento contaminado. A desconstrução leva sempre, num momento, ou a um outro, sobre a confiança realizada pela instância crítica, crítico-teórica, isto é, longe da possibilidade última do que se decide. Desta feita, a desconstrução será desconstrução da dogmática crítica<sup>23</sup>. A desconstrução não se constitui somente como ato de resistência. <sup>24</sup>. A desconstrução obedece inegavelmente a uma “exigência analítica”. Ela é uma “dissociação híper-analítica”.<sup>25</sup> Naturalmente, a Química é uma construção híper-analítica de estruturas. Toda a estrutura química determina um sentido gnoseológico inerente à desconstrução, dado que é uma “inovação estrutural” entre átomos e moléculas.

Segundo a leitura de Higinio, uma das estratégias da desconstrução, delineada pelo estilo cortante e hiperconceptual cultivado por Derrida, encontra-se na desmontagem das oposições clássicas, elaboradas pelo pensamento ocidental, tais como teórico/prático, real/virtual, literal/metafórico, discurso filosófico/discurso literário, etc. A Ontologia Clássica radicou quase sempre numa lógica construtiva, tética, de consolidação dos saberes a partir de uma pretensão totalizante. Assim, pertence à desconstrução revelar o engano e a ilusão desta pretensão, visto que se os textos desta tradição filosófica forem analisados com cuidado, verificar-se-á a sua insegurança estrutural, uma vez que todos eles estão habitados pelo fantasma da ruína<sup>26</sup>. Esta desmontagem encontra-se revelada em Química Orgânica desde os Grupos Funcionais até à estereo-isomeria.

23 Cf. Jacques DERRIDA – *Points de Suspension*, 60.

24 Cf. Jacques DERRIDA – *Papier Machine*, 341.

25 Cf. Jacques DERRIDA - *Résistances de la psychanalyse*, 41-42.

26 Cf. Nuno HIGINIO - “Entre filosofia e literatura: responsabilidade infinita”, in: *Humanistica e Teologia*, 32 - 2 (2011), 67- 68.